

Promotora se diz pressionada e deixa caso Galdino

Colegas dizem que Maria José não resistiu às pressões dos parentes dos cinco jovens acusados de matar índio

Gustavo Miranda

Carolina Brígido

• BRASÍLIA. Depois de quase cinco anos de trabalho para pôr diante do júri popular os cinco acusados de atear fogo no índio pataxó Galdino dos Santos, a promotora Maria José Miranda anunciou ontem que vai abandonar o caso. Colegas do Ministério Público do Distrito Federal afirmaram que ela está sendo ameaçada por parentes dos réus. A promotora decidira sair de cena há uma semana. O julgamento está mantido para 6 de novembro.

Sem dar uma explicação convincente, Maria José alegou ontem estar "esgotada, estafada, exaurida". A promotora reclamou que parentes dos réus a acusam de agir por motivações pessoais. Mas um

promotor, que pediu para não ser identificado, afirmou que o motivo é outro:

— Ela está acuada, com medo de retaliações.

A decisão foi informada segunda-feira à juíza titular do Tribunal do Júri, Sandra de Santis, mulher do presidente do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio de Mello. Durante a reunião, Sandra teria pedido a Maria José para não abandonar o caso, para que não recaísse sobre a juíza a suspeição de pressionar a promotora.

Juíza divergiu sobre classificação do crime

A rivalidade entre ambas surgiu quando Sandra desclassificou a tese de homicídio triplamente qualificado defendida por Maria José. A juíza pre-

feriu enquadrar os réus em lesão corporal seguida de morte. Com isso, os acusados estariam sujeitos a penas menores. Maria José recorreu ao Superior Tribunal de Justiça e ganhou, garantindo a realização do júri, mas nega que a divergência com Sandra tenha motivado sua atitude.

A outra justificativa seria mostrar à sociedade que não é a promotora quem acusa os réus, mas o Ministério Público. Valter Medeiros, um dos advogados e pai do réu Max Rogério Alves, acusou Maria José de perseguir os acusados e de ofender o princípio da impessoalidade. Medeiros afirma que a promotora fazia lobby nos gabinetes.

Maria José nega:

— Dizem que estou me

aproveitando da única chance de ter projeção na mídia. As acusações são muito graves. Tenho um limite.

De acordo com Maria José, sua saída não prejudicará o julgamento. Ela será substituída por Maurício Miranda.

— Iria até o fim se houvesse prejuízo para a sociedade. O doutor Maurício tem 15 anos de júri. Só tenho oito. Ele é professor e tem o mesmo entendimento meu nesse caso. É como se eu estivesse lá.

Galdino, de 44 anos, foi queimado por cinco rapazes, um deles menor, no dia 21 de abril de 97, quando dormia num ponto de ônibus. Ele estava em Brasília para comemorar o Dia do Índio. Não resistiu às queimaduras em todo o corpo e morreu. ■



MARIA JOSÉ: desistência depois de cinco anos de luta pelo júri

971

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: Galdino (Oleais)

Data: 12/11/2001 Pg 9

Class: Pataxó For. Ita. H. de